



Arte: Pedro Courbaster / O Arauto

# O país dos Silvas

Como muitos brasileiros, de origens diferentes, acabaram com o mesmo sobrenome

[ Samuel Peressin ]

“Se não se chamasse Brasil, a terra descoberta e colonizada pelos portugueses poderia se chamar Silva!”. Quem defende tal ideia é o genealogista Pedro Rodrigues, que, embora não existam estatísticas oficiais sobre o assunto, afirma: “Sobrenomes como Santos, Rodrigues, Carvalho, Pinto, Ferreira e Pereira são alguns dos mais comuns entre as famílias brasileiras. Mas o Silva, provavelmente, é o principal deles”.

De norte a sul, de leste a oeste. Eles estão espalhados por todos os cantos. Luiz Inácio Lula da... Ayrton Senna da... Xica da... Leônidas da... Virgulino Ferreira da... Muitos são os personagens famosos que, em comum com milhões de brasileiros, carregam o Silva no sobrenome. “É muito difícil encontrar alguém que não conheça ou nunca tenha ouvido falar de um deles”, comenta Rodrigues.

De tão comum tornou-se mais uma dessas contradições da vida, pois os sobrenomes surgiram para facilitar a identificação de pessoas com o mesmo nome, mas, vítima do tempo, pode não se aplicar a todas as situações. “Silva é anônimo assinado”, já dissera um dia o escritor Millôr Fernandes. Quem lembra da frase, o genealogista Pedro Rodrigues, diz que é possível usar também um desafio para fundamentar a superioridade dos Silvas: “Para quem ainda tem dúvidas, uma lista telefônica é o suficiente. Em quase todas as listas eles são recordistas em páginas”, constata.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que está realizando o Censo 2010, no qual reúne informações sobre a população brasileira, descarta a possibilidade de projetar estatísticas relacionadas a quantidade de sobrenomes no país: “O IBGE preza pela confidencialidade dos dados colhidos. Sendo assim, qualquer informação capaz de identificar o informante não é divulgada”, informou a assessoria de imprensa do instituto.

Se você já tirou a prova em uma lista telefônica agora deve estar se questionando de onde surgiram e porque há tantos Silvas. A resposta vem de longe... Do meio do mato. “No latim, silva significa selva. O termo surgiu no Império Romano, antes de Cristo, e servia para classificar as pessoas que viviam em regiões de mata, distantes das áreas urbanas das cidades”, explica o professor de história Vinicius Coelho.

**Origem** - Segundo o professor, quando os romanos invadiram a região da Península Ibérica (Espanha e Portugal) levaram com eles moradores da selva, “os Silvas”. Séculos depois, com a colonização dos portugueses, eles desembarcaram em solo tupiniquim.

Contudo, Coelho chama a atenção para outros dois aspectos fundamentais na disseminação do sobrenome. Para manter a colônia “organizada”, os portugueses que vinham para o Brasil recebiam novos sobrenomes. Silva para quem ia para o interior e Costa para os que tinham como destino o litoral. Outros, no entanto, em busca de vida nova, o adotavam por ser muito usado. Por situação semelhante passaram os negros trazidos da África para trabalhar como escravos. Nos navios, eles recebiam dos padres um novo nome. Milhares foram “batizados” com o Silva.

“A colonização foi responsável por trazê-los (portugueses e escravos) e espalhá-los por todos os cantos do país. Com o tempo, eles se misturaram, se reproduziram e hoje são o que são”, analisa Coelho.

**O “primogênito”** - Aires Gomes da Silva. É esse o nome do primeiro Silva a pisar em solo brasileiro, segundo relata o escritor e jornalista Eduardo Bueno, o Peninha, em seu livro “A viagem do descobrimento”, lançado em 1998. Na obra, o jornalista narra o que classifica como “a verdadeira história da expedição de Cabral”.

Baseando-se numa afirmação feita pelo historiador Francisco Varnhagen, em 1854, Peninha relata que Aires era capitão de uma das cinco naus d’el-Rei (embarcações) que faziam parte da primeira divisão da esquadra de Cabral.

“Aires Gomes da Silva. Membro da família Silva, uma das mais notáveis casas de Portugal e de Castela, descendentes d’el-Rei D. Fluela II, de Leão. Aires Gomes era filho de Pero da Silva, por sua vez filho bastardo de João da Silva, alferes-mor do rei D. João I (1367-1433)”, descreve o autor.

## Mais comum, não a maior

Como já foi dito nesta reportagem, há muitos personagens famosos que têm o Silva no nome. Porém, se você também é Silva e, por isso, acredita ter algum grau de parentesco com algum deles, está equivocado. E mais enganado ainda está quem pensa ser dos Silvas o título de maior família do Brasil. “Diferente dos Silvas, que são de diversas origens, os Cavalcantis são todos de um único tronco. Hoje eles formam a maior família brasileira”, afirma a diretora do Colégio Brasileiro de Genealogia (CBG), Regina Cascão.

Segundo Regina, a história dos Cavalcantis no Brasil começa com o florentino Felipe Cavalcanti, que se estabeleceu em Pernambuco, no século XVI, casou-se com uma brasileira, teve 11 filhos e deu origem a uma numerosa árvore genética. Não à toa, até hoje, o sobrenome é tradicional no estado.

**Identidade** - Mais do que simplesmente caracterizar pessoas, os sobrenomes carregam nas letras questões que transcendem a identidade. Em alguns casos, pré-conceitos estabelecidos de forma generalizada. Em outros, nem tanto. Associar os Sarneys ao poder sempre que eles têm o nome pronunciado não é pensamento exclusivo de ninguém. Ligar um Silva a um cidadão comum também não. “Às vezes, os sobrenomes são associados à posição social. Mas, vale ressaltar, são reflexões premeditadas e totalmente generalizadas que, infelizmente, ainda existem. Não é o sobrenome que vai definir o lugar de alguém no mundo”, observa Rodrigues.

**Brazuca!** - O historiador Coelho defende: não há outro sobrenome que represente tão bem a identidade do brasileiro quanto o Silva. “Temos um povo majoritariamente pobre. Pessoas humildes, trabalhadoras. E são essas pessoas que constroem o nosso país. O sobrenome está enraizado à identidade da nossa gente. Genuinamente, um Silva representa a figura do típico brasileiro. Somos, sim, um país dos Silvas”, conclui.

# O mercado de smartphones e as oportunidades para o webdesigner

[ Adriana Moraes da Silva ]  
pós-graduanda em Engenharia de Software e professora do CEUNSP.



Foto: Divulgação/Site empresarial

As plataformas para desenvolvimento de aplicativos para dispositivos móveis como *Android* e *Symbian*, tem sido assunto bastante disseminado nos últimos tempos. Os interesses por estas plataformas ancoram-se justamente no que se diz respeito ao crescimento do mercado de *smartphones*.

Como todas as oportunidades que surgem na área de tecnologia, este é um segmento que pode e deve ser explorado pelos profissionais da área de WebDesigner. O profissional, para entrar neste nicho tão propulsor, deve levar consigo conhecimento das plataformas citadas acima, além de diversas outras qualificações. Tal exigência ampara-se no fato de que nestes dispositivos, mais do que em qualquer outro, o usuário busca uma navegação simples, clara e objetiva, estando aí a grande oportunidade para os profissionais qualificados da área.

**Por dentro do produto** - Quando se desenvolve aplicações para um SmartPhone, deve-se primeiramente pensar nos recursos de navegação limitados (ícones), além do fato que o usuário estará interagindo usando apenas uma mão, a chamada interação *one-hand*.

Fatores de usabilidade, ergonomia e o estudo de Interface Homem-Máquina devem ser primordiais para tal desenvolvimento, qualificações estas que facilmente se observa na formação dos profissionais de WebDesign.

Sabe-se que a compra de aplicativos para estes dispositivos ainda não é uma prática tão comum no Brasil, mas a facilidade de compra e o baixo preço dos *softwares* são grandes atrativos no mercado americano e europeu, fazendo com que o mercado alcance fatias de bilhões de dólares.

Se a prática da compra de aplicativos já é disseminada no exterior, existe uma forte estimativa de que teremos proporções significativas também no Brasil, e por isso, nosso profissional de WebDesigner deve acompanhar esta tendência e evoluir com este mercado feito sob medida para ele.

## esporte

# Salto recebe craque do futsal

[ Leandro Bidola ]



Foto: Divulgação/Fifa

Após ser derrotada pela Espanha, em 2000 e 2004, a seleção brasileira de futsal recuperou a hegemonia no mundial de 2008, disputado no Brasil, após vencer nos pênaltis a própria seleção espanhola, que tinha no seu elenco três jogadores brasileiros naturalizados. Dentre os quatorze craques que conquistaram o sexto título mundial para o Brasil, estava Wilde Gomes da Silva, de 29 anos. Cearense de nascimento e paulista de criação é um dos grandes nomes da modalidade no mundo. Wilde, como é mais conhecido no futsal, foi recém-contratado pelo Barcelona da Espanha, após passagem vitoriosa pelo El Pozo Múrcia. Antes de embarcar para a Europa, o atleta curtiu férias ao lado da família em Salto. Procurado por nossa reportagem, ele concedeu uma entrevista exclusiva:

### Como foi o início da sua carreira?

Jogava desde criança, inspirado por meus irmãos. Comecei a jogar profissionalmente aos 17 anos.

### Quantos títulos você conquistou na carreira?

Foram muitos... Liga Futsal pela Ulbra. Com o El Pozo, foram cinco finais de liga, com quatro títulos, quatro finais de copa, com dois títulos e quatro finais de superliga, com mais dois títulos.

### Quantas vezes foi artilheiro da Liga Espanhola?

Eu fui artilheiro dos dois últimos campeonatos.

### No Mundial de 2008, todos os jogadores da Itália eram nascidos no Brasil. O que você pensa disso? Jogaria por outra seleção?

Cada um tem o seu motivo para fazer tal escolha, não vou questionar se está certo ou errado. Eu consegui a nacionalidade portuguesa e poderia jogar pela seleção daquele país, mas resolvi esperar por uma oportunidade na seleção brasileira e ela acabou vindo. Se caso tivesse um motivo muito forte, eu jogaria sim por outra seleção.

### Você acabou de trocar o El Pozo Múrcia pelo Barcelona. O que fez você mudar de equipe?

Muitas coisas. Como eu já estava muito tempo em Múrcia resolvi mudar de ares, pois o projeto do "Barça" me agradou. Eles sempre demonstraram interesse em me contratar. Sem contar que eles não têm nenhum título espanhol. É um grande desafio para minha carreira.

### Como é morar na Espanha?

Já estou indo para o oitavo ano morando por lá. No começo foi difícil, pelo idioma, pela cultura, pela comida, tudo diferente, mas já estou adaptado e além do mais é um excelente lugar para se viver.

### Que conselhos você daria para os jovens que estão começando?

Falei com meu sobrinho sobre isso. Ele também está jogando. Disse para ele não fazer como eu fiz. Ele deve terminar os estudos, uma coisa que pretendo fazer um dia. Depois, respeitar os companheiros, o próximo e principalmente ver se é isso que realmente quer.

## Jornalismo é campeão



Isabela Silva/O Arauto

Antes das férias escolares, em 18 de junho, um jogo de futsal movimentou a quadra localizado ao lado do Teatro escola Prof. Rubens Anganuzzi Filho, no campus V: Jornalismo FC 12 x 4 7º/PP. A partida marcou, com arquibancada lotada e muitas vuvuzelas, a final do Torneio Interno de Futsal de Comunicação e Artes, que reuniu dez times.

Além do título, a equipe do Jornalismo teve o artilheiro da competição, Alan Vianni.

Mais medalhas e troféus serão disputados: vem aí, segundo a Atlético FCA, um campeonato para todo o campus e para as meninas. Os interessados devem entrar em contato pelo **Twitter @capivaraceunsp** ou pelo **e-mail atleticafca@hotmail.com**

# TV para telespectadores cidadãos

[ Lilian Solá Santiago ]

realizadora audiovisual, produtora, historiadora e professora da FCA/CEUNSP.

Convidada a escrever sobre “o papel da nova TV Pública na valorização da cultura e da auto-estima do povo negro brasileiro”, meu primeiro ímpeto foi voltar meus olhos para a embrionária TV Brasil, procurando indícios de como essa questão seria tratada, ou não, na nova e tão esperada TV Pública nacional.

O Conselho Curador é de extrema importância na definição do conteúdo desta TV e, segundo seu Estatuto, cabe-lhe “aprovar o plano de trabalho e a linha editorial da emissora, acompanhar a programação, julgando sua qualidade e o cumprimento das finalidades da TV Pública. Poderá ele ainda, por deliberação da maioria absoluta, até mesmo emitir voto de desconfiança à diretoria ou a um diretor responsável pela faixa de programação considerada inadequada”. O Conselho é formado por 20 membros, sendo que 15 são “representantes da sociedade civil”, nomeados pelo Presidente da República. As fotografias dos representantes civis desse Conselho que circularam na mídia não deixam dúvidas: dos 15 representantes, apenas um é de origem negra - o rapper MV Bill.

As imagens estampadas dos Conselheiros demonstram como a ideologia do branqueamento está profundamente enraizada em nossa sociedade, e se reproduz “naturalmente”. Devido a esse caldo cultural em que estamos imersos, não podemos acusar de racista nem o Presidente Lula, nem os assessores que o auxiliaram na nomeação do primeiro Conselho Curador da TV Brasil. Contudo, essa atitude demonstra como a discriminação racial brasileira manifesta-se não no que se faz, mas na não-ação - nos silêncios, nas omissões, na inexistência. Revela, também, a insensibilidade institucional para a grave questão da representação dos afro-descendentes nos meios de comunicação brasileiros.

É importante destacar o impacto dessa “mais-valia” simbólica na auto-estima da nação como um todo. Os brasileiros intelectualizados habituaram-se a pensar de acordo com os esquemas filosóficos dos pensadores europeus, e se convenceram de ser herdeiros legítimos da civilização ocidental, um triste pastiche do norte. Já os não intelectualizados aprenderam a “honrar” devidamente esta esquizofrenia cultural, valorizando tudo o que vem da “metrópole”, em detrimento do nacional. Essa é a plataforma sobre a qual se erguem as relações no Brasil: sociais, políticas, raciais. Vejo essa base ideológica, que abafa a pluralidade cultural brasileira, como o ponto comum entre clientelismo, corrupção, falta de cidadania, atitudes racistas conscientes ou não, e uma infinidade de doenças sociais hereditárias que nos acometem enquanto nação.

Estabelecer uma representação racial igualitária na TV pública e, conseqüentemente, diminuir a geração de conteúdo estereotipado e distorcido do negro em sua programação, passa pelo aumento proporcional de sua participação em todos os níveis, mas principalmente nos mais altos - onde se controla e se determina a produção, onde se tem poder de veto sobre ela. A partir daí, disseminar-se-ia para todos os outros setores da hierarquia, até que

se tornasse visível numa programação, não só pontilhada de leve de rostos negros, mas com um conteúdo que efetivamente esteja à altura de toda nossa diversidade cultural.

O fato é que a representatividade dos negros é muito defasada em todos os setores de nossa sociedade, apesar de sua enorme presença numérica e cultural, e isso é um dos pressupostos que deu origem ao Estatuto da Igualdade Racial. Este documento contém propostas definidas para acabar com esse descompasso, estabelecendo diretrizes para romper com valores racistas que, através do consenso, continuam acorrentando grande parte dos descendentes africanos no país. Sua ampla discussão na sociedade, sua aprovação no Congresso, seriam passos fundamentais nessa caminhada.

No que se refere à TV Pública, gostaria de destacar três pontos do Estatuto que se aplicariam diretamente a ela. Primeiro, por ser uma empresa pública, teria que observar no mínimo, a meta inicial de 20% de seus cargos principais para afro-brasileiros, meta que seria ampliada gradativamente até atingir a correspondência com a estrutura da distribuição racial federal ou do estado a que ela pertence. Segundo, em sua política de aquisição de conteúdo externo, deveria se privilegiar a compra de empresas de afro-descendentes. E, terceiro, no que se refere diretamente à programação, deveriam apresentar imagens de afro-descendentes, no mínimo, na proporção de 20% do total.

Os que são contrários à implantação de ações afirmativas invocam um sem número de argumentos para que elas não sejam implementadas - da inquestionabilidade da meritocracia à simplista importação ideológica norte-americana, invocando até um possível acirramento das relações raciais que poderiam levar a violentos conflitos. É preciso reafirmar que a omissão é a principal forma de atuação racista em nossa sociedade, e que o apoio ao Estatuto da Igualdade Racial é fundamental para barrar a continuação “natural” das desigualdades.

A TV desempenha papel fundamental na produção, armazenamento e circulação de informações e de conteúdo simbólico, aspectos centrais da vida social no mundo pós-moderno, que desenham e reafirmam nossa realidade. A TV comercial no Brasil exibe o que “vende mais”, alimentando diariamente o imaginário de milhares de mestiços “telespectadores-consumidores”, educados desde a tenra infância pela ideologia do branqueamento, forçados a um “não-se-ver”, a um “não-existir”

audiovisual. Diante disso, restaria à programação da TV Pública ser, no mínimo, uma alternativa saudável para este imenso contingente populacional, objetivando uma programação que seja uma forma de sociabilidade partilhada por telespectadores-cidadãos, não simplesmente uma mercadoria comprada por telespectadores-consumidores.

O que proponho é que sejam levadas em conta as diretrizes do Estatuto da Igualdade Racial para que a TV Pública não seja uma “re”transmissora natural das onipresentes imagens esquizofrênicas de brasilidade, triste pastiche do norte. A TV Pública tem o dever de respeitar a imagem e contribuir com a auto-estima do ser brasileiro, quer seja descendente de negros, indígenas, asiáticos pobres ou de perseguidos europeus.

O reconhecimento do Brasil mestiço iniciado pelos intelectuais a partir dos anos 20, é ainda uma conquista a ser realizada por parte da elite e, talvez, pela maioria do povo, mas é um objetivo a ser conquistado, se quisermos ser um país de fato, constituído por cidadãos que constroem o futuro do país com suas crenças, rituais e sua própria maneira de manipular o mundo. Enquanto não nos reconhecermos a nós mesmos, não admirarmos e honrarmos nossa rica e diversificada herança genética e cultural, não conseguiremos ajustar contas com as perversas heranças do passado escravista que acometem toda nossa sociedade, atravancando nossos esforços de cidadania.



# A arte de caçar luz: Fotografia

[ Jean Pluinage ]

Técnica que envolve sensibilidade, arte e comunicação completou 170 anos e, mesmo com novas tecnologias, está longe de envelhecer

Ela comemora mais de 170 anos, mas pode levar menos de um segundo para ser realizada. Essa é a aparente simplicidade que marca a Fotografia, um jogo entre o claro e o escuro que se iniciou em 19 de agosto de 1839, data oficial de sua criação. Em pouco tempo o invento se tornou indispensável para a vida em sociedade e a comunicação em massa – de casamentos a viagens, de campanhas eleitorais a lançamentos de produtos, tudo passa pelo registro de uma imagem. E tudo passa também pelo olhar do fotógrafo – o profissional que vai além da aparente simplicidade do clique de

meio segundo, pois sabe que por trás desse clique é preciso toda a sua experiência e conhecimento.

E a cada clique fugaz, a arte fotográfica sempre se inova, se atualiza e encontra novos caminhos. Para mostrar esses rumos e tendências, revelamos em texto, e claro, muitas imagens, a opinião dos maiores nomes da fotografia nacional, experts de todas as áreas, da fotografia publicitária ao ensaio sensual, do tratamento e pós-produção pelo Photoshop a técnicas de iluminação, do registro de eventos ao fotojornalismo. Confira agora o que a fotografia tem a revelar para o futuro.

## O limite da imagem

A fotografia era inicialmente vista como um espelho da realidade. Nada mais lógico, teoricamente, pois a foto mostra os objetos como eles são: uma cópia fiel do que nossos olhos vêem. Será? Primeiro que vemos o mundo em três dimensões e a foto é plana. Além disso, cada olhar é único – vemos na verdade a realidade que o fotógrafo quer enxergar. E agora, vivemos na era do Photoshop, na qual a imagem se tornou uma realidade à parte. Para destrinchar nas imagens o que é mito ou verdade, entrevistamos o ícone da alteração de imagens, Alexandre Keese, um dos mais conceituados nomes do Photoshop da América Latina, consultor da Adobe do Brasil e organizador do Photoshop Conference. Ele destacou que o Photoshop já é um aplicativo maduro, de mais de 20 anos “mas que mesmo assim ainda não encontra concorrentes, pergunte a alguém o nome de um editor digital de imagens – o Photoshop é o primeiro que vem à tona”, disse Keese.

Há quem veja nessa longa onipresença do Photoshop nas mídias um cenário onde a pós-produção tomou lugar da arte fotográfica. O Photoshop matou a fotografia? “O Photoshop não existe sem foto. E o trabalho profissional exige fotos de qualidade. Com uma foto ruim você só pode apagar o incêndio, com uma boa você usa o Photoshop para criar o diferencial”, enfatizou Keese. Ele, que também pratica fotografia profissionalmente, revelou para estudantes da FCA seus trabalhos no projetor, gerando gritos de surpresa ao fazer rápidas edições e seleções de imagem. “O trabalho dele é muito bom, ele é praticamente uma varinha mágica!” disse Juliana Yassuda, estudante de Fotografia, fazendo alusão a uma ferramenta de seleção do Photoshop.

Em contraposição há o trabalho de Clício Barroso, consultor da Adobe, presidente da Associação de Fotógrafos Fototech e vencedor três vezes do prêmio Abril de Jornalismo na categoria Fotografia. Clício dá mais ênfase em seu processo de trabalho no uso do aplicativo Lightroom 3 para captação, arquivamento, seleção e tratamento de fotos. Ele capta imagens com uma câmera acoplada por cabo a um computador. As fotos são importadas diretamente para o aplicativo e Clício procede então ao balanceamento das cores, seleção de fotos e o tratamento de pele das imagens escolhidas. “Muitos pensam que o Lightroom é só um browser para fotógrafos. Ele é muito mais do que isso” disse Clício ao revelar que o aplicativo, além de arquivar e editar imagens, também automatiza o difícil processo de aplicar metadados e métodos de exportação para milhares de fotos.



Alexandre Keese



## Photoshop ou Lightroom?

Ambos são complementares e são ferramentas que só irão auxiliar o fotógrafo se ele entender a natureza da imagem digital. Para Thales Trigo, diretor da Fullframe Escola de Fotografia e coordenador do curso de Fotografia da Escola Panamericana de Arte e Design, compreender os números por trás da foto é fundamental. Thales, com seu conhecimento em física, revela que o nitrato de prata das câmeras analógicas foi substituído pelo pixel, a menor unidade de informação de uma imagem digital. Essa imagem é mapeada por números que determinam a cor e a posição de cada pixel. Seu conhecimento sobre tecnologia revela inclusive que uma informação, muito difundida nos meios acadêmicos, é falsa: a de que o sensor fotográfico Full Frame tem esse nome devido ao seu tamanho ser igual ao do filme 35mm. “Existem sensores Full Frame menores que o filme. Não há relação de tamanho!” disse. A tecnologia da foto irá passar por grandes novidades – caso da atual chegada das câmeras que realizam fotografias em 3D, um dos destaques da feira Photoimage Brasil deste ano.



Renato Orsco / O Arauto

## O limite da visão

O fotógrafo deve conhecer toda a tecnologia de sua arte, mas ainda depende, fundamentalmente, de seu melhor equipamento – o olhar. Se já é possível criar imagens sem limites então o verdadeiro obstáculo está na visão do fotógrafo. Visão, neste caso, não é a capacidade de ver, mas de se expressar visualmente. Prova disso é o trabalho social do fotojornalista Werinton Kermes, a oficina de fotos realizadas por deficientes visuais. O trabalho é pioneiro e realizado em conjunto com a doutora em Comunicação Míriam Cris Carlos. Os participantes, com a máquina na mão, registram imagens por meio de outros sentidos, como o tato, olfato, a audição, descrições do que se encontra em frente de suas máquinas. Um trabalho de reintegração, que revela um mundo único: mesmo a falta de visão não os impede de se expressar com imagens.



Alexandre Keese

## O limite da sedução

Sedução, Desejo. Armas potentes para quem cria imagens. Porque fotografar é um desejo de eternizar o que o olho apenas saboreia por instantes. Paradoxalmente, o sensual está em desejar o que também não se consegue ver. Luiz Aguiar é um comunicador nato desse lado mais escuro e sensual da fotografia. Ele fotografa no sensual há quatro anos. Explica as principais diferenças entre a foto de editorial sensual e a foto de nu artístico. Na primeira há uma grande produção, com cenário e figurino e o rosto da modelo costuma ser revelado. É o estilo mais reconhecido nas revistas masculinas. O fotógrafo destaca que trabalha com o próprio cliente final, “mulheres comuns e não modelos profissionais, que querem presentear o seu cônjuge ou então se sentirem belas e sensuais”, explica. Já o nu artístico não necessariamente expõe todo o corpo e o rosto da modelo. O corpo é mostrado de forma mais abstrata e impessoal

## O limite do mercado

O bom fotógrafo iniciante pode já saber manipular imagens digitais, emocionar e seduzir com a luz, mas entrar no mercado de trabalho e montar seu estúdio ainda é um problema. Não para o jovem fotógrafo Leandro Neves. Como empreendedor, Neves deixou a carreira de Administração e vive agora apenas de Fotografia. Revela que equilibrou seu orçamento montando um estúdio remoto de modo prático, barato e útil. Para os novatos e empreendedores, ele recomendou produtos fotográficos chineses, bem mais em conta no mercado. Neves, que usa técnicas simples e acessíveis (Dicas em <http://dofotografo.wordpress.com>) e estima que o fotógrafo profissional não é limitado pelo equipamento disponível, mas unicamente pelo olhar.

Dominar esse olhar é o diferencial para entrar no mercado da mais democrática das artes. Afinal, se todo mundo pode ter uma câmera no seu celular, como um fotógrafo pode se destacar? Gui Urban, especializado em fotos de eventos, também valoriza muito o conhecimento: saber as características de cada banda e cada gênero de música permite fotos únicas, pois o fotógrafo já prevê os movimentos e a iluminação do palco.

## O limite da expressão

Van Gogh, em suas telas, tornava cada raio de sol uma pincelada forte e expressiva – a arte é diferente, mas a necessidade de dominar as emoções pela luz continua igual. Principalmente para a fotografia publicitária que vive de vender emoções. Antônio Salvador Júnior, fotógrafo publicitário que trabalhou para empresas como W/Brasil e Estúdio Abril, conversou sobre a importância da luz, assim como sua carreira, detalhes e curiosidades da profissão. “Nem sempre o fotógrafo publicitário tem todo o equipamento e prazos à disposição. É preciso fazer a foto com os recursos disponíveis”, disse. A iluminação deve criar os efeitos desejados e destacar o produto, conceito ou serviço a ser vendido. “Não basta a agência dizer ‘faça uma foto’. Tem que pedir o conceito por trás desse produto e usar o equipamento adequado” – fotos de alimentos, por exemplo, exigem uma luz mais alaranjada – que denota calor e torna a imagem mais sedutora.

## O limite de tudo que vemos

Ao atingir tamanho conhecimento e intimidade sobre o objeto que vê, o fotógrafo, como um caçador, passa a revelar a essência de sua “caça” sabendo pegá-la desprevenida de máscaras, sendo apenas ela mesma. Para Eduardo Gomes, diretor da Tríade Filmes & Fotos e fotógrafo, a captura de um personagem inclui aprofundamento em uma narrativa, “pois a foto também conta histórias”. Gomes, que saiu de sua carreira na indústria metalúrgica para se dedicar à Fotografia, tamanha sua paixão pela arte, revelou seu grande interesse por fotos não posadas, naturais: “Chamam isso de fotojornalismo, mas não sou jornalista, então seria foto espontânea? De qualquer forma não gosto de rótulos”. Ele tem grande interesse em juntar fotos que, pela sequência, formam histórias com personagens e cenários próprios. E quando o cenário é o próprio personagem, caso de suas paisagens de Machu Picchu, aproveita dos próprios habitantes de cada local para revelar a essência dos lugares onde passa. Enfim, agir **sem limites**: Capturar a essência. Esse é a última fronteira do fotógrafo: ultrapassar seu próprio olhar.

## 1ª Semana da Fotografia da FCA

As lições apresentadas acima foram aprendidas com grandes nomes da fotografia, na primeira semana de agosto, durante a Semana de Fotografia da FCA-CEUNSP. O encontro - um “boas-vindas” ao segundo semestre - juntou estudantes e palestras, workshops, “fotoshow”, mais

a banda saltense Yang e uma excursão fotográfica para São Paulo (veja mais na página 15). “A Semana foi a oportunidade de aprender em poucas horas, com os melhores profissionais, o que aprenderíamos em meses”, explicou a estudante Erica Dal Bello.

# Fotografia: um referencial que se inscreve pelo afeto

[ Prof. Ms. Ricardo Zani ]

Arquivo Pessoal / Ricardo Zani



Por décadas e ao longo de um século a imagem fotográfica foi vista e interpretada como uma mera representação figurativa do real, enquanto sua construção imagética dava-se por meio de aparatos técnicos que traduziam instantes da realidade de modo especular. A possibilidade de subversão dos princípios técnicos inerentes aos projetos industriais dessas máquinas e a noção de que a fotografia como linguagem representa mais do que um simples simulacro do cotidiano surgiu a partir do século XX, onde a construção e o exercício de novas poéticas fotográficas vislumbraram um vasto campo de atuação para as vanguardas artísticas da época. Podemos dizer que Alfred Stieglitz tenha sido o precursor, mas na verdade, foi pelas mãos de Man Ray e László Moholy-Nagy, entre outros, que a fotografia ultrapassou a barreira de uma mera representação formal e atingiu conceitos antes não imaginados rumo a uma prática própria às experimentações artísticas. A partir das experiências vanguardistas a fotografia simplesmente rompe com a sugestiva representação imagética calcada na perspectiva renascentista.

Instaurada essa quebra de noção da representação figurativa, a fotografia passou a ser encarada como um campo de experimentações para além das possibilidades técnicas do aparato, responsáveis pelo surgimento de níveis simbólicos diferenciados que redefinem e impulsionam à interpretação da mensagem fotográfica. É aqui que se encontra o objeto de discussão deste texto, dos significados que existem nas imagens fotográficas através do caminho aberto pelo semiólogo francês Roland Barthes.

Quando Barthes escreveu seu último livro, *A Câmara Clara* - publicado no Brasil em 1984 em uma edição póstuma -, desenvolveu seus argumentos partindo de uma imagem pessoal e altamente afetiva, uma fotografia de sua mãe ainda criança encontrada junto aos pertences dela após sua morte. Neste trabalho final, Barthes entendeu a fotografia como possuindo dois momentos e não foram todas, somente as fotografias que o tocaram de alguma forma. Extraíndo palavras oriundas do latim, qualificou esses momentos como sendo o *studium*, o signo apresentado e sempre codificado, e o *punctum*, aquela ferida intrigante da imagem que promove, no instante em que toca o receptor, a busca de uma interpretação daquele ponto da imagem e, a partir dele, da imagem fotográfica como um todo.

Essas são as bases que fundamentam minha análise na interpretação do signo fotográfico. Quando reflito sobre as novas possibilidades de ações causadas pela imagem, me dou conta de um processo sógnico a representar a construção e a leitura de certas realidades fotográficas, simbolicamente delineadas por escolhas que materializam os conceitos, as poéticas ou até mesmo as intenções de alguém. Por mais que este sujeito acredite ter capturado um momento objetivo, o fato de ser ele humano já transmitiu à fotografia a subjetividade de um olhar individual e residem aí, nas leituras de imagens, as representações de realidades traduzidas por cada intérprete.

Sabendo então que os significados de uma imagem fotográfica podem ser entendidos somente na esfera das possibilidades, resgatei do meu álbum de infância a fotografia que ilustra esta página. Trata-se de uma imagem pequena, familiar,

feita por minha mãe quando eu tinha por volta de dois anos de idade e, provavelmente, fotografada com uma câmera de médio formato. Uma imagem amassada, manchada e rasgada pelo tempo, uma das muitas feitas em nossas viagens de férias e posteriormente encontradas por mim nos álbuns de família. Sou eu o menino fotografado e estou de mãos dadas com meu nono a caminho da praia. Minha mãe sempre faz questão de comentar que quando eu era criança tinha uma saúde frágil e que, por recomendações médicas, sempre íamos ao litoral para renovar os ares que respirávamos. Estranho, porque quando olho para esta foto vejo uma criança gordinha e vendendo saúde. De qualquer forma ela resgata um momento único, guardado de sentimentos e lembranças do convívio com algumas pessoas que já se foram, de uma época feliz e sem preocupações. Por tal razão esta fotografia me toca, não por suas pretensões estilísticas, mas por sua sentimentalidade latente.

Afora esses afetos, vemos uma fotografia despreziosa em sua composição, nada mais do que um retrato do cotidiano e que serve, como tantos outros, para ser guardado de recordação em álbuns de família ou nas "gavetas" de nossas memórias. Meu nono era uma pessoa um tanto egoísta, gostava de ter todos os seus netos debaixo de suas asas e fazia questão de participar ativamente de nossas vidas, como um verdadeiro patriarca senhor dos seus. Ele faleceu no dia do meu aniversário e, se antes eu o amava sem restrições na minha feliz inocência de criança e o tinha como um dos meus modelos de herói, hoje eu já não posso dizer o mesmo, a minha razão adulta me alerta que esse modelo não foi dos melhores, afinal ele era humano e tinha seus defeitos. Meus heróis não morreram de overdose, mas me mostraram uma série de imperfeições ao longo de suas vidas.

Por que razão então essa imagem insiste em povoar meus pensamentos e junto a ela uma série de lembranças? Porque certos sentimentos são como feridas recentes que teimam em permanecer abertas, sempre a me lembrar de sua existência. Assim, de certa forma escrevo para expurgar o que me incomoda e a fotografia, em sua essência, me propicia esse pacto com a vida. Por definição e origem, uma imagem fotográfica só existe se houver, em algum instante qualquer, a captura de uma realidade. Esses momentos, por mais fugidios que possam parecer, por vezes duram uma eternidade e não somente porque o seu registro está aí para nos atestar sua existência, mas também porque eles ainda permanecem vivos em nossas memórias. São lembranças ou sentimentos que não se apagam com o tempo.

E me pergunto agora, será que no momento em que ele me levava pelas mãos, num gesto fraternal e alegre rumo às ondas, passava por sua cabeça os desdobramentos que nos envolveriam no futuro ou as frustrações causadas após a sua morte? Não sei e seguramente sua herança cultural já estivesse mais do que sedimentada, a minha é que ainda estava sendo forjada. Volto agora a Roland Barthes e às suas observações a respeito daquela fotografia de sua mãe feita quando ela ainda era criança. Barthes olha para uma menina que ele não conheceu e vê uma alegria nos olhos desta que nunca havia encontrado em sua mãe. A vida a havia transformado.

# Luzes contra o vazio

[ Jean Pluinage ]

Naquela manhã de domingo, 15 de agosto, o vazio deveria se impor na Faculdade de Comunicação e Artes do CEUNSP, mas viemos, todos determinados. Éramos 46 estudantes da FCA, vencendo o sono, o frio, a distância, para nos unirmos, como uma irmandade, por um amor conjunto à fotografia. Nossa missão era clara e bem focada: registrar a cidade de São Paulo em uma excursão acadêmica.

Invadimos primeiro o Mercado, ávidos para devorar, com os olhos, os sabores das texturas, os aromas das cores, o prazer dos volumes. Tudo espalhado em frutas e condimentos. Diversidade que se confundia com os próprios personagens que passavam por ali. Um deles nos chamou a atenção, um artista famoso: Luan Santana não pôde se esconder de nossas lentes. Cercado por fotógrafos e fãs, no meio da comoção geral, ele mostrou sua verdadeira identidade em praça pública, era o professor Eduardo Scorzelli, fingindo ser um pop star. O grande ator revelou que a foto também tem suas máscaras, criando mitos e formando personagens.

Logo depois chegamos à Praça da Sé. O local abrigava mendigos e profetas em volta da catedral. Ali, o frio e a miséria dos homens contrastava com o gótico e o sagrado dos anjos. Mas o céu e a terra exigiam a mesma importância do olhar, um não poderia ser desmerecido pelo outro na hora do click. E entre as colunas que queriam atingir as nuvens, descobrimos uma cripta com a cópia do manto que cobriu Cristo. De certa forma uma revelação: o lençol, como um filme gigante, registrava o negativo das formas de um corpo.

Fomos então para o MASP onde seu vão também era um vazio sendo preenchido. Barracas de antiguidades vendiam objetos do passado. Entre moedas e livros, encontrei uma foto de imenso valor pessoal, a de meu avô quando jovem, em sua época de goleiro. Percebi como a fotografia, além de ser memória é também uma luta contra o vazio. O que era apenas um jogo de futebol, que agora está no passado, se encontra revisto, vivo em minha mente.

O que aconteceu naquele domingo não será mais esquecido, está fixado em imagens únicas, expostas agora no saguão da nossa faculdade. Aqui mostramos que em um dia frio de São Paulo formamos amizades e dividimos experiências, mas acima de tudo, jogamos luzes contra o vazio.

As fotos feitas durante o passeio por São Paulo ficam expostas dia 14 de setembro, no saguão do bloco K (Salto).



Romario Carneiro



James Chávez



Fábio Magalhães



Renato Orsco



Lessandro Bull



Coh Merlin

# MAIS UMA VEZ

**O CEUNSP é 3 estrelas  
no Guia do Estudante**



**PEDAGOGIA**



**CIÊNCIAS  
CONTÁBEIS**



\* O índice IDB no ENADE do MEC mede o quanto de conhecimento os cursos agregam aos alunos. Resultados em índice IDB no ENADE 2006 - do curso de Administração - Salto na região de Salto / Itu, Sorocaba, Indaiatuba, Porto Feliz e Cabreúva.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
**1º**  
DA REGIÃO  
ENADE\*

**85**  
ATELIÉS  
CLÍNICAS  
ESTÚDIOS  
AGÊNCIAS  
LABORATÓRIOS  
AMBIENTES ESPECIAIS  
ESCRITÓRIOS MODELOS

MAIS DE  
**1.220**  
COMPUTADORES  
EM REDE  
E INTERNET BANDA LARGA

MAIS DE  
**180.000**  
VOLUMES  
EM 4 BIBLIOTECAS

**VESTIBULAR  
25.SET**

**CEUNSP**  
www.ceunsp.edu.br  
**0800 10 95 35**